

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2022, conta com 24 089 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Abril de 2026 - Nº 646

Diretores - Antonio Marcello da Silva (1931 - 2025) - Pascoal Andreta (1915 - 1982) - Ugo Labegalini (1931 - 2012) - Ivan Mariano Silva (1935 - 2020) - Alessandra Mariano (1969 -).

O QUE PRECISA RESSUSCITAR EM VOCÊ?

LEONARDO LABEGALINI

A manhã de Páscoa em Monte Sião tinha um silêncio diferente. As ruas estavam calmas, e as famílias caminhavam rumo à igreja como se carregassem no peito uma mistura de fé, esperança e lembranças antigas.

Téo saiu da missa pensativo. Enquanto atravessava a praça, viu crianças correndo com ovos de chocolate nas mãos e percebeu como, por alguns instantes, a vida parecia mais leve.

Perto do coreto, encontrou o Líder Inspirador segurando um café quente. Ele observava a igreja à distância, tranquilo, como

quem sabia ouvir o tempo.

— Feliz Páscoa, Téo — disse ele.

— Feliz Páscoa... — respondeu Téo. — A celebração foi bonita, mas me deixou com uma pergunta.

— Qual?

Téo respirou fundo.

— Jesus morreu e ressuscitou... mas o que isso realmente tem a ver comigo? Com a minha vida?

O Líder Inspirador sorriu, com a calma de quem já tinha refletido muito sobre isso.

— Tem tudo a ver. Porque a Páscoa não é apenas sobre lembrar uma história. É um convite para olhar para dentro e perguntar: o que precisa morrer em mim para que eu volte a viver em paz?

Téo franziu a testa.

— Morrer em mim?

— Sim. O orgulho. A vaidade. A mágoa. A necessidade de estar sempre certo. Muitas vezes a gente acha que isso é força... mas é prisão.

Téo abaixou os olhos.

— Eu sinto isso. Eu tento ser um líder melhor, mas às vezes meu coração está pesado. Eu fico duro demais com as pessoas... e comigo mesmo.

O Líder assentiu.

— Isso é mais comum do que parece. Algumas pessoas estão cansadas do trabalho. Outras estão cansadas de carregar sentimentos que nunca curaram.

Téo engoliu em seco.

— Então o perdão

entra nisso?

— Entra como chave — respondeu o Líder. — Perdoar não é dizer que foi certo o que fizeram com você. Perdoar é decidir que aquilo não vai mais mandar no seu coração.

Téo ficou quieto por alguns segundos.

— Mas tem coisa que parece impossível.

— Por isso o exemplo de Jesus é tão forte — disse o Líder. — Ele respeitou sem ser respeitado. Compreendeu sem ser compreendido. Doou sem esperar nada em troca. Isso não é instinto. Isso é escolha.

O Líder inspirador continuou:

— A nossa natureza humana é egoísta. Quando não somos

respeitados, atacamos. Quando não somos compreendidos, nos indignamos. Quando ajudamos alguém, esperamos reconhecimento. É uma luta entre instinto e ensinamento.

Téo respirou fundo.

— E como eu sei qual caminho estou seguindo?

O Líder respondeu com firmeza:

— Olhe para dentro. Quem não ama, sofre. Quem não perdoa, sofre. Quem não respeita, sofre. Porque carrega raiva, indignação e intolerância dentro de si. Isso vira um veneno silencioso.

O vento soprou leve na praça, trazendo cheiro de almoço das casas.

— E quem ama... se

sente bem? — perguntou Téo.

— Sim. Quem ama não precisa carregar peso. Quem respeita o outro dorme melhor. Quem compreende vive mais leve. E paz interior é um tipo de riqueza que nenhum dinheiro compra.

Téo sorriu de leve.

— Eu queria começar o ano diferente.

O Líder colocou a mão no ombro dele.

— Então comece por dentro. A Páscoa é isso: deixar o orgulho morrer... e permitir que o amor ressuscite.

E Téo entendeu, naquele instante, que talvez a maior bênção não seja ter um ano perfeito.

Talvez seja apenas saber escolher o caminho certo.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE HORTAZINHA

IVAN

Donazinha tem uma horta

A horta da Donazinha

Donazinha planta horta

planta horta Donazinha

Sem ser convidado, mas atraído por comentários dos mais favoráveis e alto índice colhido pelo IBOP, fui visitar a horta de Donazinha. As verduras todas, da pacata couve ao enfezado pimentão, por timidez ou precaução, se encolheram. O agrião, do bom para tosse, bronquite e rouquidão, sem lisura alguma, embora liso, arrepiou-se: O homem tanto planta como colhe; cuidado com ele". Mas eu ali estava apenas para admirar ou, quando muito, destalar um ramo de erva-doce e, enquanto ruminava, adoçar a saudade de certa horta da minha infância.

Embora no fundo do quintal, da rua pode-se enxergar um mamoeiro (que vontade de dizer mamãozeiro) novo, porém prolífero. Ainda pequeno, está carregadinho que só se vendo, e não se inclina sob o peso porque os mamões, ca-

prichosamente distribuídos ao redor do tronco, mantêm-no bem de pezinho. Assim, lotado, o mamoeiro mais parece uma ET truncuda e forte, lançando braços ociosos que terminam em mãos espalmadas, suplicantes. Uma extraterrestre com lamentável desperdício de seios, nem maduros, ainda.

As couves da hortazinha têm jeito de girafas clorofiladas, com seu esguio corpo marcado por cicatrizes das folhas arrancadas. Lá, em cima, no décimo andar, as folhas remanescentes, macias, simplórias, sem os pulgões que em boa hora Donazinha despejou, sem recorrer à justiça dos dedos, apelando apenas à simpatia das fortes.

As pimenteiças, fingidas, com os frutos maduros pendentes, simulam chorar sangue e tentam impingir ferocidade. Mas, esquecendo-se ser dedo-de-moça, são desmascaradas pela suavidade do sabor e brandura de caráter.

Dependurados, sem força para caminhar, os tomates nédios começam a corar, talvez envergonhados da obesidade. As pequenas folhas que

envolvem seu colarinho sufocam-nos. A boca chupada foi empurrada pelas bochechas gordas.

Seguindo Donazinha pelas ruelas cimentadas e separadas dos canteiros por tijolos, ela aponta para a área onde convivem agrião e rúcula. Ele, polido e lúcido; a rúcula, áspera e grosseira. O agrião, não importando se do seco, se do brejo, autointitula-se hidrófilo; ela, pouco educada, como o próprio nome sugere, serviria para depreciar pessoas: "Você não passa de uma rúcula miserável".

Num canteiro bem adubado e úmido, repartem o quadrilátero: de um lado, a cebolinha, do outro, a salsinha. As salsinhas continuam antigas como antigamente, pois preservam a "permanente" nos cabelos curtos e revirados e a aparência de sombrinhas de dançar frevo. As cebolinhas são réplicas de moitas de bambu, entre cujas touceiras dá vontade de perambular sem rumo.

Do alto do caramanchão os chuchus olham para baixo, presos aos fios, como lâmpadas verdes apagadas. Há quem diga que co-

mer chuchu é o mesmo que lamber vidraça, mas Donazinha contesta, salientando a leveza do seu sabor e seu valor medicinal como poderoso hipotensivo. Falando em valor medicinal, há também na horta uma farmácia completa - Farmácia Santa Terezinha. Boldo, cravo, babosa, hortelã, erva-cidreira, carqueja, alecrim, ervas que Donazinha manipula, embala e prescreve para febres, incômodos, sangria desatada, dente espalagado, coração fissionado, gasturas diversas, estribute e dores, inclusive as de cotovelo.

Numa abertura do cimento, um viçoso pé de abobrinha ainda não pariu e, por isso, olha com inveja para a trepadeira de maracujás, as bolas pendentes, algumas enrugadas pela idade e pelo receio da altura. Na proteção da sua sombra um caramujo reboca sua moradia, atrelada ao guincho do corpo. Esse jamais viverá de déu em déu. Ali, pertinho, uma minhoca-braba aproveita a umidade para praticar contorcionismo.

Antes de me despedir, agradecer e elogiar Donazinha e sua hor-

tazinha, filei alguns tomates e várias pimentas que retirei das mãos das dedos-de-moça. Perguntei, ainda, se os buxinhos encostados ao muro servem de quarador. Donazinha me arregalou dois brutos olhos, como só ela sabe arregalar e alertou-me: "Quarador está como você - extinto".

Extinto ou não, por favor, cantem comigo esta original melodia, letra minha e música do seu Bartolo, o da flauta.

Donazinha tem uma horta

A horta da Donazinha

Donazinha planta horta

planta horta Donazinha

Crônicas da Minha Gente - seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.

OBRA DE ARTE

Há tempos
que revejo
meus pecados

Os mal feitos
os bem feitos
e os malvados

Todos
caravaggios
van goghs
e picassos
laureados

Então
decido
repecá-los

Popo de Sião

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS Nº 89

ISMAEL RIELI

*Belo belo, minha bela
Tenho tudo que não quero
Não tenho nada que quero*

(M.Bandeira)

Djalma

Conheci-o em São Paulo, quando fui diretor do Ginásio Estadual da Vila Nivi. O professor Percy, Gaúcho, fundou um jornalzinho escolar "O Minuano" e Djalma, dono de uma fábrica de limpadores de para brisas, na Avenida Guapira patrocinava a imprensa.

Anos depois o encontrei em Águas de Lindóia, onde

ele adquirira um apartamento do Edifício Vera do qual foi um exímio síndico por vários anos.

Os vínculos de Djalma com nossa terra vinham de muitos anos, quando ele se hospedava no Hotel Caçique (hoje, restaurado batizado de Portucale) do comendador Mauro Brolezi.

Encantou-se por uma jovem hóspede de quem, no Balneário, ouviu um pedaço de conversa com a companheira. Combinavam ir, naquela noite, ao baile do Hotel Tamoyo.

Djalma decidiu. Preciso ir a esse baile e tirá-la para dançar, mas não tenho terno. O amigo comendador resolveu-lhe o problema.

Dançaram a noite inteira e na praça em frente ao hotel, bem mais acanhada, naquele então, rolou o primeiro beijo apaixonado.

Em poucos meses estavam casados e desse casamento nasceram três guapos filhos homens: Djalma, Fernando e Fábio.

Depois que vendeu a fábrica, Djalma dedicou-se, de corpo e alma à Reflexologia. Abriu um consultório em Santana, bairro em que morava, e curou muita gente pelos pés.

Otimista inveterado. Tudo bem, Djalma? Tudo bem não. Tudo ótimo, excelente.

O último ano dedicou-o com carinho e abnegação à

Neide, o amor de sua vida, então cadeirante.

Infalível o telefonema de aniversário em dezembro.

Em 2025 o cumprimento telefônico não veio Neide falecera em novembro. Um mês depois, em dezembro, meu amigo Djalma partiu.

Seu presente, um relógio de parede da Reflexologia, que caminha no sentido anti-horário continua pendurado na estante.

Em fevereiro os 3 filhos, as 3 noras e os netos vieram com uma urninha para Águas de Lindóia. Na praça Ademar semearam as cinzas de Neide e de Djalma.

X X X

Cuidado. Parecidos mas totalmente diferentes: ao encontro DE / e de encontro A.

O Rio do Peixe nasce em Munhoz, passa por Sororro, Lindoia, Itapira de onde vai ao encontro do Rio Mogi Guaçu.

De encontro A:

Um avião do Canadá foi de encontro a um caminhão de bombeiros que atravessava a pista de pouso, no movimentadíssimo aeroporto La Guardia em Nova York. O piloto e o copiloto morreram

X X X

Cade a Loja do Tio Peri e da Tia Neca?

Na memória de septua-

genários e octogenários continua incólume aquele Bazar da esquina da Rua Direita. O alumbramento da criança. Peri (Lino Pedro) e Neca (Julia) foram meus padrinhos de crisma. Quando ia pra Monte Sião (uma viagem naquele então), acompanhando minha mãe na visita à Gotardelada, Tios e Tias, começando na Tia Milha até a Tia Leida, a loja da Tia Neca, ao lado do Bar do Ciro de deliciosos sorvetes de coco branco e de coco queimado, era a parada predileta. Nunca saía de lá sem uma lembrancinha de meus padrinhos. Oh tempo, oh mores! Quanta saudade.

CLARÍSSIMO

MATHEU ZUCATO

Sentia que tudo se inclinava para fazer do dia alguma coisa de sério e útil. Fui almoçar e passar o dia em casa de Miranda, onde, do meio-dia em diante nós permanecemos jogando conversa fora, até próximo das três. Ali, por sinal, fiquei conhecendo o seu marido, um homenzinho de uns quarenta e poucos anos, sentado na ponta da mesa com os olhos sempre voltados para o prato até o fim da refeição, quando abriu um bonito sorriso e começou a contar as histórias do hospital que administrava. Discorremos sobre o assunto, nem tanto sobre os enfermos, mas sobre os que os rodeiam em expectativas — os familiares —, e como ficam ansiosos, otimistas, agradecidos ou muito tristes, a depender dos acontecimentos com o parente querido deitado na cama do hospital. Às três, veio a mim a sensação de que incomodava, de que não os deixava descansar. O café já secava no fundo da xícara; era hora de ir. Despedi-me deles e fui a pé para casa.

Gosto de caminhar pelas ruas da cidade; sempre me deparo com algo novo ou então me distraio mesmo vendo a posição das sombras nessa época do ano. Andava com o mesmo estranhamento de sempre de que as pessoas não se cumprimentam mais nas ruas. Os rostos baixos, ensimesmados, a cultivar silêncio no campo da vida. Muito me atormentava saber que seria vista como excêntrica caso sáisse a distribuir cumprimentos. Não que eu quisesse parar e ficar de conversa com qualquer um, mas era difícil andar pelas ruas como se ninguém visse ninguém, como fôssemos invisíveis uns para os outros, uma verdadeira comunidade de seres isolados, mesmo em público.

Passei pelo padeiro, que enfeitava a vitrine com uns bolos lindíssimos; passei por um carreiro que mexia em sua sacola de cartas; por duas mulheres sentadas caladas numa mesa de uma sorveteria; passaram por mim dois homens, três mulheres, todos espíritos ilusórios. Assim foi, até o momento que ouvi, alto e claro como o céu, a arre-

benstar as camadas vítreas de silêncio que se formaram nas ruas, uma voz rasgada entoar um "BOA TARDE!" com a força de um berrante, para a calçada inteira ouvir.

Olhei assustada para frente e percebi se tratar de um mendigo de cabelos muito sujos, volumosos, shorts, sandálias e camiseta de algum time que desconheço. A voz do homem ainda ressoava em meus ouvidos como água quente em cola seca. Interrompi de imediato os meus passos; um arrepiado morno invadiu a minha espinha e se espalhou até parar na ponta dos meus dedos dos pés. Meus olhos, que até então haviam se limitado a captar a figura do homem como um todo, decidiram se voltar aos olhos do dono do "boa tarde" mais imenso que alguém já entoara. Deus meu, o homem era cego!

Um de seus olhos era pura neve estagnada no campo pantanoso ocular; o outro era como vidro embaçado num dia frio, talvez a enxergar o restante do mundo que ainda lhe era permitido. Aí percebi que o peso da vida havia crescido além do que sei suportar. O homem pas-

sou por mim num passo lento e certo, um andar dos que caminham sem ter aonde ir, mas que ainda assim vão. O seu "BOA TARDE!" pareceu ser feito de correntes de ferro que me aprisionaram no lugar em que estava. Era demais a carga de um homem como ele ter percebido a minha existência fugaz diante de si, quase como se houvesse invadido os meus pensamentos de até então e gritado do fundo da alma, para todos ouvirem que sim, ele existia, que nós existimos, que ainda estamos aqui a perambular, mesmo que quase não nos enxerguemos mais. O seu grito era a tempestade que eu queria gritar.

Um carro buzinou para outro e minha apatia se desfez num susto. Pus as mãos no bolso, sem pensar, de imediata precisão. Não tinha dinheiro e nada nas mãos que pudesse ofertar ao portador da luz de minha fútil escuridão. Olhei para o céu; ele estava tão claro e límpido. Vencida numa centrada injustiça, ainda surpreendida pelo jocoso destino, olhei para trás e vi o homem se afastar cada vez mais para um certo nunca mais.

EUGÊNIO LOBISOMEM

sem asas espadas magias
cristais colares feitiços
surgiu das credices malditas



surgiu do nada da vida
sem sonhos amores família
em cruel discreto abandono

e à cidade que mal lhe queria
apenas convinha tê-lo
para comprar-lhe da cesta
galinhas e ovos frescos

ah! Eugênio dos abandonos
quanta dor em seus ombros
e quantos fantasmas impunes
em seus amargos sonhos

kuiaia

ÁRVORES SECANDO!

ARIOVALDO GUIRELI

*'A loucura reinará nos
tempos atuais'*

— Dito Pelota,
filósofo livre.

Será preciso engavetar os sonhos poemas para mais tempo adentrar as porteiras e assimilar o batente da casa e a porta desestalar em baques e abrir na força de um vento impetuoso que soprara a noite toda.

Assim o caminho não brota a semente e nem

planta o cansaço. Evita mágoas e cercados quando instalam os primeiros arames farpados. Na visão do alto de uma montanha a vista se extasia de mistérios e belezas. Ninguém descobre, ao longe, as cobras, os animais humanos e suas lorpas. A legenda encontrada de sorrisos alivia o precioso lucro da competitividade que propõe alianças entre os povos e jamais com o capitalismo cruel, onde não nasce pés de flores silvestres nem mesmo sons de pássaros exóticos. Não há alternativa próxima de nossa querência. O

alter ego silencia o Reino de Deus que não é "lá em cima" mas, "lá na frente". Esse meio divino que Pierre Teilhard de Chardin comentou em águas profundas no cosmos coração do Universo.

Tudo plenifica e subsiste. Todas as comunhões formam o presente, passado e futuros em atos que se iniciaram ao plantar a semente; uma possível árvore com sombras e laços de amor, no olhar de quem procura uma saída para viver melhor.

Naquela manhã o inesperado aconteceu, havia elevado o espírito, mas o corpo não desviara o ar que se cortava no vento a pergunta insistente e por dentro:- Todos passam sobre a tempestade e abrem portas?

O dia estava longo. A última manhã não se encantou com as pedras. O reinado humano se projetava para o fim, embora não exista mais lugar inabitável na Terra. A evolução facilitava a convivência com as pessoas.

Surgiram regimes po-

líticos, descobertas científicas, invenções técnicas para as comunidades.

Poucos enxergam horizontes sociais, pois a utopia não mata a sede e nem sacia a fome, porém aponta caminhos novos...

João Jajá sabido e provocador era morador do Bairro Almadas pertinente do Grotão de baixo, lá onde a dona Rosenda cantava salmos ao entardecer para espantar todos os males. Embainhava seu facão Guarany e de matula pronta cheirando a torresmo e café ruma-va de madrugada para a

plantação do feijão e do milho.

Seus olhos não eram cegos na escuridão do caminho. Olhava e escutava os piados todos. O romper da aurora apontava a árvore que plantara há muito tempo. Guardava em baixo dela a matula. De enxada, que ali sempre ficava, em punho, carpia as ervas daninhas.

Adoeceu semana passada.

Hoje o semearam na rua da Saudade.

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Praíha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labogalini

Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone (35) 997693265
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino - (35)3465 1355 - 9 9114 9447

IMPROVÁVEL

PAULO FRANCO

Parecia improvável que tanta gente convergisse para aquele lugar naquela segunda-feira. Mas às 15hs o vozerio já começava a chamar a atenção. Duas horas depois, a avalanche humana descia do Viaduto do Chá, da lateral do Teatro Municipal, do outro lado, vindos da Libero Badaró, da Estação São Bento e da Avenida São João, hordas de manifestantes iam chegando e ao cair da noite, o Vale do Anhangabaú havia se transformado num mar de gente. A multidão, que somava mais de um milhão, tomou o Vale, as ruas e Viadutos próximos naquele 16 de abril de 1984 e ostentava, em sua maioria, como se tivessem brotado de uma paleta de Van Gogh, todos os tons de amarelo.

Parecia improvável encontrar alguém em meio àquela massa, mas a mineira elegante de Higienópolis trazida por ideais ameados desde os tempos de estudante em Belo Horizonte e o operário do

ABC, olhar atento no palco, voltados ora pra um torneio mecânico, ora pro seu ídolo médico/jogador, fruto da democracia corintiana e vestindo uma camiseta amarela desbotada, se conheceram. Um lenço de seda amarela, charmosa e displicentemente pendia da cabeça dela e uma lufada de vento um pouco mais forte, o lenço pairando sobre muitas cabeças, uma mão se levanta no meio da multidão segurando o lenço, ela abrindo caminho naquele amontoado de seres, eles se veem frente a frente e emanados da atmosfera que ali reinava, trocaram algumas palavras, ficaram lado a lado, caminharam juntos ao final, até o metrô e, burlando mais uma vez o improvável, Jane e Marcelo se tornaram grandes amigos. Ali ele a apelidou de Trem de Minas e assim seguiu sempre a chamando por esse codinome. Falavam-se sempre, se encontravam com frequência e a amizade só crescia. Marcelo era hemofílico e tinha que fazer com

frequência a reposição do fator de coagulação. Naquela época não havia um controle rígido no sangue e plasma recebido em doações e infelizmente muitos hospitais recebiam doações contaminadas. Um ano após ficarem amigos, ele testou positivo pra HIV.

Mais uma vez a amiga se fez presente, alternando com a mãe dele nos cuidados com o “irmão” e parceiro. Eram tempos de grandes revigoramentos, falsas curas e internações, alegrias e entristecimento abrupto, serenidade e sobressaltos. Àquela época, AIDS era como uma sentença de morte, e eles viveram os anos seguintes sob essa ameaça.

Um dia ela fez uma viagem de férias à Minas para visitar parentes, e, assim que voltou, foi imediatamente visitar o amigo. Soube pela mãe, que ele havia falecido havia uma semana e que tentaram, sem êxito, avisá-la. Buscaram seu telefone na agenda dele mas não havia registro. Provavelmente ele tinha

decorado o seu telefone, disse-lhe a mãe, enquanto tentava em vão, consolar a amiga do filho. Por fim, foi ao quarto dele e voltou com a sua agenda nas mãos e a entregou para que ela tivesse uma recordação do filho.

Jane chegou em casa arrasada por não ter se despedido do amigo. Enquanto divagava, pegou a agenda e começou a folheá-la. Havia desenhos, trechos de poemas, letras de música e alguns compromissos. No final da agenda telefônica em ordem alfabética, ela foi direto para a letra J e chegou a recriminá-lo por não ter anotado ali o seu nome e telefone. Se afasta, chorando muito, deixando a agenda aberta sobre a cama. Uma corrente de vento mais forte balança o tecido fino da cortina da janela aberta, fazendo-a bailar e as páginas da agenda aberta se movem, parando na letra T e lá, entre dois corações vermelhos, se lia:

♥ Trem de Minas ♥ e os números de seus telefones.

UMA ITAPIRENSE EM MONTE SIÃO

Monte Sião terra abençoada
Sempre de braços abertos recebendo
Turistas e gente afamada
Em teu solo sagrado os acolhendo

Gente distante e de outros estados
Tratando-os como bons filhos da terra
Muitos ficam outros atarefados
Para as compras que logo mais se encerra

Uma cidadã de Itapira é moradora
Maria de Lourdes mas ‘Dude’ apelidada
Di Salvi é seu sobrenome e sempre acolhedora
Mas a sua terra natal é sempre visitada

Há mais de quarenta anos está em Monte Sião
Tendo formado uma família tendo cinco filhos
Sente por Monte Sião verdadeira paixão
Pois aqui ela é tratada com educação e brilho

Em Itapira ela é estimada e muito conhecida
É filha de um casal muito estimado
Pois foi em Itapira que seus pais lhe deram a vida
Com os princípios de um lar bem formado

Na religião de Jesus Cristo foi batizada e crismada
Foi bem educada e teve a escolaridade
Por sua genitora foi bem preparada
Para gerar seus filhos com amor e bondade

Mas foi em Monte Sião que ela se adaptou
Fincando suas raízes com a maternidade
E daqui não mais os pés arredou
A não ser para visitar sua família naquela cidade

Maria de Lourdes ‘Dude’ receba a nossa
[homenagem
De quem no passado sua família conheceu
E quem sabe em alguma futura viagem
Vamos felicitá-la pelos dons que Deus lhe
[concedeu

(Maria de Lourdes ‘Dude’ é filha do saudoso casal Bernardina Coloco di Salvi ‘Tide’ Mauro di Salvi, pais também de Maria Nadalete, Marlene, Mauro e Valdir. ‘Dude’ foi casada com José Antônio Bressan (de saudosa memória), casal que teve 5 filhos: Tiago, Michel, Marcela, Bianca e Luís Fernando. Dos enlaces matrimoniais nasceram os netos: Caio, Noha, Heitor, Luís Fernando e Laura)

Arlindo Bellini



BAÚ DO ZOTE

Neste espaço o JMS publicará, todo mês, histórias e causos de Monte Sião e seus cidadãos.



“REVIRANDO O BAÚ DO ZOTE”

L.A. GENGHINI

Quando a diretoria pautou o Baú do Zote, logo calcei as luvas e me pus a pensar numa estratégia. Então, chamei a Ivoninha, a filha caçula que possui todos os mapas mentais que levaria ao acesso para revirar a história de uma das figuras mais icônicas de nossa cidade, o Senhor Luiz Victorio Comune, o Zote. Ainda assim, tenho certeza de que sobraram assuntos para tantas outras visitas de quem tiver lembrança de algo de interesse a respeito da rica vida desse ítalo-monte-sionense.

O Zote, como o chamaremos a partir de agora, era Comune, de tradicional família de imigrantes italianos vindos de Castagnole, província de Alessandria, norte de Itália, entre Turim, Milano e Genova, cujos imigrantes constituíram grande família em Monte Sião

(Lola, Monte Sião Amore Mio, 2001, p.73).

Foi casado com D. Nair Rezende Comune e tiveram duas filhas: Ivanir e Ivone. D. Ivanir foi casada com o advogado Antonio Oswaldo Bernardi, e, Ivone é casada com nosso colega de escola João Bueno da Costa.

D. Ivanir foi minha professora de primário e a madrinha que fez suas mágicas para que eu conseguisse me matricular no ginásio, o primeiro da cidade, o GMS – Ginásio Monte Sião, cujo uniforme era calça azul, camisa branca e gravata azul bordado com as letras GMS em formato geométrico.

A segunda filha é Ivone, ou para nós Ivoninha. Por sermos da mesma idade frequentamos todas as séries do primário juntos, até a primeira série do ginásio, ano em que a diretoria, de olho na transformação do ginásio, então particular,

para um ginásio da rede estadual com ensino gratuito, promoveu um arrocho nos exames, reprovando quase a sala toda. O Ginásio Estadual veio com o nome de Escola Estadual “Provedor Theophilo Tavares Paes”.

Até os dias atuais, os antigos alunos da D. Ivanir se reúnem anualmente, próximo à data de aniversário de D. Ivanir, a pretexto de comemorar com a Mestra e, também, para o reencontro da turma.

Voltando ao Zote, como pai de família, segundo o testemunho das filhas, era exemplar, presente e conversador, come tutti italiani.

Como profissional era homem resiliente, de muitas habilidades, mecânico de mão-cheia que montava e desmontava seu Land Rover da Segunda Guerra, ainda com volante do lado direito, à moda inglesa, operava torne mecânico, fabricava peças, reu-

tilizava materiais, usava e retificava aquilo que fosse usar, porque era época de muita escassez e o mecânico tinha que se virar como podia. Fundou o posto São Pedro de gasolina, diesel e manutenção, que existe até hoje, e uma grande oficina que já não existe mais, todos na rua Getúlio Vargas, aquela que une as duas igrejas. Teve, também, uma Jardineira (Baú) que era usada para levar a criançada e os adolescentes para cursar o ginásio em Águas de Lindóia, no tempo em que ainda não existia o Ginásio Monte Sião.

O Zote era muito querido de todos e quando dirigia o seu

Land Rover pelas ruas da cidade, acho que ficava com dor nos braços de tanto cumprimentar e acenar a todos, por onde andasse. Na época, ainda menino, certa vez ouvi alguém comentar que aquele Land Rover só andava nas mãos do Zote porque ele o consertava em movimento. Morava inicialmente na rua José Moterani e depois se transferiu para o casarão da esquina próximo à igreja matriz, ainda hoje propriedade da família. Tinha, ele, apego tão grande pelas coisas da mecânica que depois que veio a falecer, a família encontrou nos porões considerável quantidade de peças de veículos antigos, ferramentas e suvenires, inclusive algumas latas de

gasolina importada, do tempo em que o Brasil ainda não refinava ou processava petróleo, de fazer inveja a qualquer caçador de relíquias. A intenção desta pauta é juntar causos e situações envolvendo este personagem tão marcante de nossa cidade. Assim sendo, convidamos a todos que tenham tido a oportunidade de conviver com o Zote que busquem nas memórias as situações características e memoráveis para que possamos resgatar detalhes do modo de ser e da personalidade deste homem tão admirado e querido de todos nós. Até qualquer hora, pessoal!

Evocê, leitor, conheceu o ônibus do Zote? Conhece alguém que tenha usado o ônibus do Zote para ir até a escola em Águas de Lindóia? Nos envie sua história para publicarmos no Jornal!

Envie para: jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

TUDO DIA SERÁ 1º DE ABRIL

DANILO ZUCATO
ROBERT

A teoria mais aceita atualmente sobre a origem do 1º de abril, mundialmente difundido como o Dia da Mentira, remonta à França de 1564, nascida de uma resistência cultural à adoção do Calendário Gregoriano. Já no Brasil, a data começou a ser difundida em Minas Gerais, onde circulou 'A Mentira', um periódico da vida efêmera lançado em 1º de abril de 1828, com a notícia do falecimento de Dom Pedro I, desmentida no dia seguinte. Hoje essa data não recebe tanta atenção em nosso país, com as pessoas se limitando a breves pegadinhas, mentiras e enganações saudáveis.

Em nossa década cresce uma erva daninha que ainda não é vista como praga, mas que ainda nos demandará muita atenção e energia quando ela chegar em seu apogeu (e tomar conta de tudo o que as pessoas consomem e acreditam): a Inteligência Artificial como criadora de conteúdo digital. Sabemos que a cada dia que passa a IA

se aperfeiçoa mais na produção de vozes, imagens e textos, chegando cada vez mais próxima de nos deixar confusos sobre o que é real e o que foi fabricado. Não acredito que tal erva daninha deveria ser solucionada arrancando-a pela raiz enquanto é tempo, como sugeriria Saint-Exupéry em 'O Pequeno Príncipe'. Não é tão simples assim. Em outras palavras, não acho que devemos abandonar o uso da IA. Porém, o que me preocupa é seu apogeu, sua era dourada vindoura, no quesito de criação. Há outras abordagens a se discutir aqui, como a IA usada em tomadas de decisões, mas fica para um próximo artigo.

Em sua era dourada teremos de duvidar de tudo o que vimos e ouvimos nas redes sociais, nos sites, no streaming ou na televisão. Hoje já vemos sintomas disso, com nosso mecanismo de defesa mental já nos treinando a nos questionarmos 'isso não é IA?'. No futuro próximo, com a ela aprimorada, teremos dificuldade de concluir o que foi fabricado por ela e o que é real

(qualquer ação ou fato desempenhado por um ser humano ou até mesmo qualquer ser vivo), e passaremos a adotar uma forma de pensar e viver encorajada por um filósofo da antiguidade: o ceticismo de Pirro de Élis (c. 360 - 270 a.C.).

O ceticismo não é apenas um 'duvidar por duvidar', mas uma ferramenta filosófica para lidar com as incertezas da vida. Para Pirro, nossos sentidos e nossa razão não conseguem nos dar certeza sobre o que é verdadeiro. A defesa usada, nesse caso, pelo cético, é a Epoché (grego para Suspensão de Juízo): Como não podemos afirmar se algo é bom, mau, verdadeiro ou falso, a solução é suspender o julgamento. Em nosso futuro próximo, o ceticismo talvez se torne a ferramenta de saúde mental mais necessária, para que por fim cheguemos aonde Pirro também queria chegar: na Ataraxia ou imperturbabilidade da alma.

A era de ouro da IA provavelmente virá acompanhada de outra era de ouro hospedeira: a das fake news. Para além do nosso mecanismo in-

dividual de defesa, provavelmente vão se popularizar IAs que investigam e concluem se uma mídia audiovisual ou textual foi fabricada por outra IA. Ou seja, teremos uma IA investigando outra IA. E quem garante que essa IA investigadora é idônea? E quem vai fiscalizar a IA investigadora? O governo? Uma empresa privada? Humano ou máquina?

Pirro, apesar de mais de dois mil anos de demora, ainda estará nos 'trending topics' das redes sociais, ou seja, nos assuntos mais comentados. Ele será a voz de uma geração que mudará o aforismo de Sócrates de 'só sei que nada sei' para 'só sei que em nada posso crer'.

Na era de ouro das fake news e da IA, todo dia será 1º de abril: dia da mentira ou dos tolos. Quando essa realidade chegar, talvez criemos por ironia o Dia da Verdade ou Dia da Sinceridade, no qual ao menos nesta data a graça será não mentir, não enganar, e não publicar nada que não seja verdadeiro ou produzido por um ser humano.

MUDANÇAS

Há alegria mesmo quando parece o fim.

Quando a dor chega, não pede permissão, não deixa avisos.

O muro que separava o simples do extraordinário não existe mais.

O bolo simples no final da tarde vira lembrança amorosa; era o carinho dela, o cuidado de querer bem, tudo numa receita só.

Os doces no final de semana passam a vir do mercado, tudo que antes vinha das mãos dela, cansadas, mas alegres em produzir.

Como podemos saber que o pequeno, o cotidiano, é o que mais faz falta na vida?

Adoecer não é o fim, mas é o começo de um despertar.

Aprendo a desejar melhor: é a manhã com presença que me toca.

Tudo dói. O choro é amargo e nem sempre é visto, mas, mesmo assim, é incrível como, em meio a essas sensações, ao sono interrompido na poltrona do hospital, mesmo com todos os ruídos, os externos e os internos, o que fica é a admiração.

Quando a vida parece estar acabando e os cuidados são paliativos, sinto que o amor é o que nos faz continuar.

Mas nenhuma palavra tem a força de viver uma experiência.

Não existem termos para descrever essa sensação.

Eu sei que o nome para isso ainda será inventado.

Giovanna Oliveira Lima

LÁ VAI O PEDRO... VAI SEGUIR SEU CAMINHO NA VIDA

L.A. GENGHINI

O Pedro sempre foi estudioso, dado às letras e até escreveu, com muita responsabilidade e competência, a introdução ao livro de crônicas do nonno Ivan e se formou em Biologia. Então, como há de ser com todo jovem recém-formado, prestou concursos, se inscreveu em empresas, participou de processos seletivos, e, até que enfim, chegou o telegrama de convocação para assumir um posto na EMBRAPA, ali mesmo, um "tiro de espingarda" ... em Teresina, no Piauí!

Entre alegria, apavoramento, ansiedade e decisão a família começou os preparativos para assumir o posto

que implicava em mudar de São Paulo para Teresina. Alessandra, a mãe, separou os melhores jogos de lençóis e fronhas de algodão, lavou e passou todos os conjuntos de roupa do viajante, fez milhões de recomendações e o pai cuidou da logística e do sustento financeiro para a efetivação da mudança.

Finalmente instalado no Piauí e já assumindo seu posto na EMBRAPA, o jovem Biólogo Pedro Mariano Martins iniciou a sua promissora carreira. Que tenha sucesso e que ajude o árido e o semiárido a produzir alimentos porque nossa gente está com fome. Monte Sião está com você!

A seguir, transcreve-

mos o texto de Adriana Brandão (Mtb 01067/CE), Embrapa Meio-Norte (meio-norte.nco@embrapa.br):

"Pedro Mariano Martins é biólogo, tem 27 anos e vai atuar na Embrapa Meio-Norte como analista junto à equipe de melhoramento de feijão-caupi e feijão-mungo. "A ideia é buscar ferramentas de genômica e bioinformática para poder acelerar projetos de melhoramento, que muitas vezes duram anos. Vou iniciar fazendo uma revisão ampla da literatura do assunto para subsidiar novos projetos que sejam planejados para os próximos anos", explica.

Natural de Monte Sião (MG), mas vivendo em São Paulo (SP) há dez

anos, é graduado em bacharelado e licenciatura em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biociências da USP e mestre pelo mesmo instituto.

"Trabalhei com genômica e transcriptômica de moscas varejeiras, buscando entender componentes genéticos associados aos hábitos alimentares de diferentes espécies e como isso pode ter guiado a evolução dos hábitos. Fiz um período sanduíche nos Estados Unidos, onde trabalhei com edição genética para tentar modificar o comportamento de moscas. Pouco antes de defender, me tornei professor de Ciências em uma escola bilíngue em São Paulo, onde trabalhei com 6ºs e 7ºs anos

ENTRE O VERÃO E O OCASO

JAIME
GOTTARDELLO

O rapaz tinha o hábito de assobiar como quem não quer ser ouvido, apenas lembrado. Nunca era uma música inteira — fragmentos de algo antigo, talvez inventado nas tardes longas.

A garota o conheceu num verão excessivo, desses em que o sol parece não ter medida. Foi no fim de uma tarde, perto do coreto, quando ele assobiava encostado a um banco, como se esperas-

se alguém — ou como se sempre tivesse estado ali.

— Você sempre assobias assim? — perguntou.

Ele sorriu, breve.

— Só quando não sei o que dizer.

Os encontros vieram leves, sem promessas. Caminhavam pelas ruas quentes, muitas vezes sem destino. Ela falava mais — de livros interrompidos, de ideias que mudavam de forma. Ele só ouvia. Às vezes, assobiava.

Havia um bamburral no fim de uma estrada de terra. Iam cedo, antes do calor se impor. O orvalho ainda pousava nas folhas, e o mundo parecia suspenso, como se não tivesse acordado por inteiro. Ela dizia que ali havia um cheiro de começo. Ele não respondia. Ou não entendia.

O verão cedeu sem anúncio. O vento mudou antes das folhas. E, com ele, algo entre os dois. Os encontros rarearam. Tornaram-se mais densos, mais silenciosos. Às vezes, ele parava sob a

janela dela e assobiava antes de ir embora — um gesto breve, quase um aviso de que estivera ali.

— Você vai ficar? — ela perguntou numa noite já tocada pelo outono.

Ele demorou.

— Eu nunca fico completamente.

Não houve resposta.

O outono chegou numa manhã fria. O bamburral estava mais quieto, como se guardasse alguma coisa. Fo-

ram até lá sem combinar. Sentaram-se próximos, sem tocar as mãos.

Ele assobiou — dessa vez, mais contínuo, quase inteiro.

Ela fechou os olhos.

— Agora você aprendeu — disse.

O som cessou devagar.

Quando ela abriu os olhos, o vento atravessava o bamburral com a mesma leveza de sempre. O rapaz ainda estava ali

— ou talvez já não estivesse do mesmo modo.

Depois disso, não houve despedida clara. Apenas o tempo seguindo, como faz.

Em algumas manhãs, quando o orvalho pesa mais e o mundo demora a começar, a garota ainda se detém por um instante — como quem escuta.

E, por um segundo, não é possível dizer se o que retorna é um assobio... ou apenas a memória dele encontrando um jeito de continuar.

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Fone: (35) 3465 2772
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Praíinha)
Monte Sião - MG
CEP 37580-000

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG
dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!
RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas
Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

S P O K

J CARLOS GROSSI

Roubaram o gato do Jairo. Imponente, esnobe e mentiroso. Que pensava ser persa, mas magrelo e de pelo ralo não convencia a ninguém.

Jairo me disse que era um lunático e lhe chamou Spok, o viajante das estrelas. Que gostava de flutuar sobre os telhados da noite. Miava e rebojava, convencido da nova identidade de viajante lunar.

Mas o fato é que roubaram o gato do Jairo, sem deixarem pista.

Então lhe perguntei se alguém teria coragem de se interessar por um tão irritante gato? O mesmo que de outra vez convenceu-se de ser um reluzente angorá. E sabíamos que estava longe de ser um reluzente angorá.

Portanto, duvido que alguém tenha se interessado por um mentiroso gato.

Vivia naquela casa da rua que sobe e desce, no bairro que foi plantado no pasto do Gumercindo, que muito conheci em meus caminhos de histórias. Pois de uma lhe conto: um dia resolvemos, Carlinhos Godoi e Nero, emprestar espigas de milho da chácara de seu Chiquinho, ao lado do campo de futebol. Para assá-las na casa abandonada que sabíamos estar lá nas profundezas e que depois dava numa lagoa encantada. Hoje é

uma praça, prestimosamente cuidada pelo jardineiro Hélio.

Quando chegamos na desbeichada casa, quem lá estava? Não duvidem, o nosso poeta preferido: o esquálido Dito Pereira. Que nos recebeu como se a casa fosse sua. Mas era apenas uma casa vazia onde somente morava a tristeza.

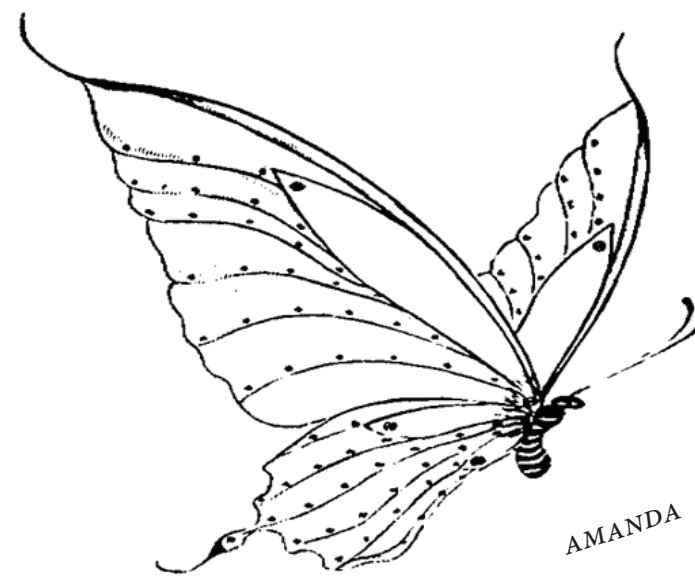
Nos acendeu o fogão a lenha e nos contou sua trágica e fantástica história que o tempo, esse senhor dos esque-

cimentos, pouco me deixou. peculiares personagens.

Então o gato, por ser tão mentiroso e soberbo, deve ter-se transformado em mais um de seus inacreditáveis e

Agora deve se imaginar uma metálica borboleta.

Jairo, acho que seu Spok avoou.



DURVAL TAVARES

“Todos os amigos foram convidados a comparecer à casa do casal Monna e Hotoko (Ana e Oto, como os moradores de Manguá os chamavam), pais do multi-instrumentalista Y-irio, grande amigo parceiro do maestro da cidade.

Com atenção sempre voltada para seu maravilhoso jardim, na bela plantação de jasmim e de rosas vermelhas, amarelas e rosas, dona Monna, sempre atenta, percebeu que andorinhas e beija-flores ali sobrevoavam com frequência bem maior do que a habitual e quis que

amigos também pudessem ver tão belo ritual. Eram aves a pousar e a beijar seus amores, as flores.

Parmiro, Ema, Massimo, Zio Niba, Zio Bataglia, Zia Edna, Zia Jandira, Rey Quexoto, Ricardo Coração de Leão, Anacleto Pietro/o Bom, a dupla sarta-

neja Manga e Mengo, os artistas do Circo Alegria e outros tantos, todos em profundo silêncio. Incrível que até o Prefeito, também presente, ficou silente e um tanto descrente do que seus olhos viam. Uma revoada de pássaros transportava além das nuvens, rumo ao céu, duas belas flores

do jardim, uma rosa, outra amarela. O silêncio somente foi momentaneamente quebrado com o som sereno do realejo e as preces do ‘tinturero’, sobrinho do Oto, lavando nossas almas.”

Tudo isso escrito num folheto amarelado que o Zio Bataglia mantinha

bem guardado. De tanta poeira impregnada naquele pedaço de papel, ficou proibitivo chegar ao final. Impossível concluir a leitura do documento. Lamento!

Resta-nos, em silêncio, voar nas asas da imaginação!

SILÊNCIO!

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS
Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.
CADA ASSOMBRAÇÃO...

PASCOAL ANDRETA

A noite estava escura. Sem luz elétrica e sem luar, Monte Sião se assemelhava a um cemitério de túmulos alinhados ao longo de ruas desertas. O silêncio era rompido, vez ou outra, pelos frufrus de asas, pios de corujas, coaxar de sapos, uivos de cães, mugi-

dos de vacas e gritos de aves noturnas. Torpor, prostração, nostalgia, angústia, desconsolo, pasmaceira!

– Noite boa pra desenfurnar assombração! – falou o Zeca para seu amigo Afonsinho. – É só chamar no pio...

– Não abuse não, que tem coisa que a gente não sabe explicar! – exclamou o Afonsi-

nho, persignando-se. – Certa vez, o Zequinha foi pescar no poção do Eleutério, perto do Parolim. Iscou o anzol e atirou na água: tchi-gum! Perto dele, a me-

nos de um metro, outro anzol, porém oculto, bateu na água também: tchi-gum! O Zequinha puxou a vara, balançou a linha e soltou a chumbada: tchi-gum! Tchi-gum!, respondeu a chumbada misteriosa. Tornou a puxar a linha, fez de conta que ia atirar o anzol na água, mas segurou a linha no ar, querendo lograr o companheiro indesejável. Nada! Virou as costas pro rio, assim como quem não quer mais pescar e, rápido, sem que o outro pudesse perceber, atirou o anzol na água: tchi-gum! Tchi-gum!, replicou o anzol assombração. O Zequinha deu no pé. Ao contar na venda do Cassianinho a história do pescador invisível, ficou sabendo que lá, no mesmo

poção, havia morrido afogado, quando pescava, o filho do finado Gardêncio...

– Que nada! Eu não acredito nessas baboseiras! O Lourenção, certa noite, entrou no boteco do Artur sem fôlego de tanto correr e com a língua de fora como cachorro perdido depois de perseguir a caça, e desmaiou. Quando voltou a si, pôde, com muito custo, dizer que uma rede de defunto, atravessada no caminho, tinha lhe barrado a passagem. Não acreditei. Fui ver de perto. A rede de defunto do Lourenção era uma poça d’água iluminada pela lua...

– É! Mas o Mariano já viu o Eugênio virando lobisomem...

– História! Dizem também que nesta rua, à meia noite, costuma rondar uma enorme mula sem cabeça, com um cinorro na testa... Pois eu gostaria de ver esse bicho!

Nem bem as últimas

palavras tinham sido pronunciadas e as batidas metálicas de uma misteriosa campainha feriu o silêncio da noite morta. O Afonsinho, apavorado, apontou um misterioso vulto que, calmamente cruzava a esquina da cadeia em direção ao cemitério, tilintando um cinorro invisível. Era um vulto de alma penada, semelhante a um animal, todo branco e... sem cabeça!

– Misericórdia! Pois não é...

O Zeca não terminou: virou nos calcanhares e saiu numa carreira doida, desabrida, seguido de perto pelo Afonsinho. No dia seguinte, no boteco do Artur, comentou o caso da noite, floreando o acontecido com sua costumeira gabarolice:

– Credo! A mula era do tamanho das casas e o cinorro badalava como sino de igreja. Não tinha cabeça e soltava fogo pelas ventas como as chaminés dos

trens da rede Mineira! Ao passar por nós deixou um cheiro de enxofre... Eu quis riscar um fósforo para ver melhor a deformidade, mas... cadê a caixa? Tinha sumido do bolso! O bicho soltou um relincho de pouco caso que me pôs o sangue a ferver! Saquei da faca e calquei o ferro. O aço relampejou no ar, mas eu só cavouquei a escuridão. A renegada desapareceu da minha vista e saiu relinchando lá adiante! Aquilo era assombração das legítimas!

O Chiquinho Fiscal, depois de ouvir a história toda, sorriu e explicou:

– Olha, a sua assombração está presa no Curral do Conselho...

– Curral do Conselho?

– É. A mula sem cabeça que vocês viram ontem era a vaca branca de cabeça preta que escapou à noite do curral do seu Oscar e saiu andando por aí...

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Danilo Zucato Robert, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva (in memorian), Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ison João Mariano Silva (in memorian), Ivan Mariano Silva (in memorian), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (in memorian), José Antonio Zechin, José Ayrtton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Lucas Provenzano, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral (in memorian), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br



KUAIA

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Abril de 2026

Nº 646

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Maio de 2026

Dia 1	Dia 14
Guilherme Silva Monteiro	Marcelo Guireli
Caio José Labegalini	Laiz Righete
Maria Neuza C. Daldosso	Dia 15
Susete Susana Canela	Paulo Rogério Santos
Dia 2	Isaura Jusinkas Labegalini
Waldemar de Castro Ribeiro Jr.	Luiz Gustavo C. Freire
Leandro Zucato Lopes	Dia 16
Dia 3	Fábio Guireli
Suelen Silva Tozetti	Sônia Maria Costa Pereira Grossi
Ernesto G. de Bacellar	Nilson Araújo
Elizandra Otaviano	Flávia Canela
João Paulo D. Machado	Dia 17
Dia 4	Mirtes Custódio Beltrami
José Claudio Faraco	Tatiana Tavares Silva
Wiliam Canela	Sebastião Jacomassi
Rafael Labegalini	Vivian Cristine de Paiva
Danieli Fonseca de Godoi	Dia 18
Dia 5	Elizabeth Tavares Miranda
Paulo Roberto R. Zucato	Rogério Uemura Gatolini
Dia 6	Elizabeth Otaviano Miranda
Ruth Elaine Silva Felício	Francisco A. M. Gatolini
Alexandre Pennacchi	Vivian Cristine de Paiva
José Newton Volpini	Dia 19
Ricardo Bertoni	Daniela Beltrame Scorzab
Dia 7	Rodrigo G. Gatolini
Diná Correa Genghini	Dia 20
João Paulo C. Costa	Ferdinando Righete
Maria Aparecida C. Biscuola	Daniela Zucato
Natália Durante Pennacchi	Gustavo Righete
Felipi Maglioli Cadan	Dia 21
Dia 8	Mário Sérgio Souza Bueno
José Cid Gotardelo	Tânia Labegalini
Eloiza M. Jacomassi	Dia 22
Larissa Monteiro Comune	Nayara Zucato Righete
Keller Carolyne Cardoso	Aline Bueno
Dia 9	Dia 23
Carolina Nasser Gouvêa	Creusa Moraes de Oliveira
Lendro Gonçalves da Silva	Caio Costa Pereira Grossi
Jeferson Galbiati	Robson A. dos Santos
Luiz Francisco Canela	Davina A. dos Santos
Aurora Magalhães Jacomassi	José Benedito S. e Santos
Luiz Gustavo Torteli Faraco	Dia 24
Dia 10	Mônica Monteiro
Sérgio Custódio	Dia 25
Luana Virgílio Comune	Rafael Buraneli Machado
Mariana Caetano Monteiro	Felipe Araújo
Ricardo Belinati da Fonseca	Dia 26
Flávio Le Grazie	Vitória Penachi
Silvia M. C. Pereira Bueno	Samanta C. Vilas Boas
Fabília Maglioli Cadan	Dia 27
Dia 11	Joana de L. Shinohara
Mário Kiyo Izume	Mauro Assis dos Santos
Cecília de Souza Moraes	Dia 28
Dia 12	Waldemar Labegalini
Tereza da S. Labegalini	Dia 29
Cláudia Regina R. Zucato	Felipe Cyrne Beltrame
Eliana Takahashi	Maria Cléria Comparim Costello
Maria Letícia O. Bernardi	Mirian Labegalini
João Lúcio Genghini Jr.	Maria A. M. Cardoso
Cláudia Zucato	Dia 30
Dia 13	Camili de Fátima Artuso
Angélica Folgosa Macedo	Giseli de C.D. Souza
Walderez Gotardelo Canela	Márcio Magoichi Izumi
Kátia Cely Gotardelo Lopes	

A todos, as felicitações da Redação!

ESTREIA NO JORNAL MONTE SIÃO

Estreia neste mês de abril no “Monte Sião” a escritora Giovanna Oliveira Lima. Giovanna é de Monte Sião, tem 26 anos, começou a escrever aos 14 depois de conhecer poemas de Ismael Nery, e hoje compõe tanto em prosa quanto na forma poética. A autora, que está para se formar em Gestão de TI, é inspirada pelo Romantismo e particularmente pelo estilo literário de memórias e reflexões sobre a vida. Giovanna atualmente prepara a publicação de seu primeiro livro. Seja bem-vinda, Giovanna!

68 ANOS DO JORNAL “MONTE SIÃO”

Em 28/03/2026, os colaboradores do “Monte Sião” se reuniram no “Lati-fúndio do Ivan” para um dia de comemorações saudando os presentes, sentindo a falta dos ausentes e honrando aqueles que já estão a habitar o andar de cima. Prosas de lá, petiscos de cá, cerveja gelada, trocas de impressões, atualização das informações e o dia chegou ao fim. O que garante a perenidade do “Monte Sião” é que enquanto aqueles que envelhecem vão partindo, a cada almoço anual jovens e futuros colaboradores, escritores, poetas e ilustradores são apresentados, de modo que nosso Jornal vai garantindo a sua presença mensal na casa de cada leitor. Parabéns ao “Monte Sião” e a todos que colaboram administrando, produzindo conteúdo, anunciando ou lendo os textos finais!

ASSIM FOI O ANIVERSÁRIO DE 177 ANOS DA CIDADE DE MONTE SIÃO.

Shows, rodeios, solenidades, inaugurações, cultos, discursos de políticos e tantos outros eventos mantiveram a cidade lotada e as gentes felizes durante os dias de comemoração dos 177 anos de Monte Sião. Ponto triste e negativo, foi a ocorrência de acidentes na cidade e nas rodovias do município, inclusive com perda de vidas. Nem com tantos radares de velocidade e pedágios se consegue a redução das tragédias. Muito triste.

SEMANA SANTA COM ENCENAÇÃO AO VIVO

Grande espetáculo religioso encenando ao vivo, a Paixão de Cristo aconteceu na cidade durante a Semana Santa. Atores, figurantes e cenários da maior grandeza garantiram aos espectadores que acorreram à área do Pavilhão de Exposições um belo espetáculo daqueles que o tempo não vai apagar e a gente não vai esquecer. Amém, Monte Sião.

DEU SAUDADES...

Falando em Semana Santa, deu saudades das encenações no palco montado na escadaria da igreja matriz onde a Professora Neusa Canela representava Maria, mãe de Jesus, o Miro Fabri representava Jesus, a Anita da Edwiges era Verônica, enxugando o rosto de Cristo com o seu véu enquanto

cantava o Canto da Reparação e o Ayrton Zucato era um dos Centuriões (pena que não lembro os outros figurante. Lá se vão uns 60 anos.

NO PRELO, O LIVRO “POEIRA CÔSMICA”, APOIADO PELA “F. C. PASCOAL ANDRETA”

De autoria de nosso colaborador, Yoshiharu Endo, o livro “Poeira Cósmica”, editado nos idiomas português e japonês, e, adequadamente ilustrado, está no prelo para ser impresso em papel couchê. Logo poderá ser lançado, especialmente em Monte Sião, provavelmente junto ao evento de premiação do XXIV Concurso “Fritz Teixeira de Salles de Poesia”, em 22 de agosto de 2026, a confirmar. Por intermédio da poesia o autor traça um comovido paralelo envolvendo o desenvolvimento no Brasil de uma família de imigrantes japoneses, além de contar com trechos de relatos históricos e de contribuições de autores convidados nos pretextais. Devidamente ilustrado em cores suaves, contrastando com o brilho natural do papel couchê, as páginas instigam o leitor a entrar na ideia do texto e a caminhar junto com Harubozu (apelido do autor) na sua jornada de vida. Será um livro lindo, delicado, artisticamente acabado, o qual nós estamos esperando ansiosamente. Futuramente estará ao alcance dois leitores na Fundação Cultural Pascoal Andreta e em outros canais que avisaremos oportunamente. Bem-vindo, Yoshiharu! Parabéns pela obra.

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

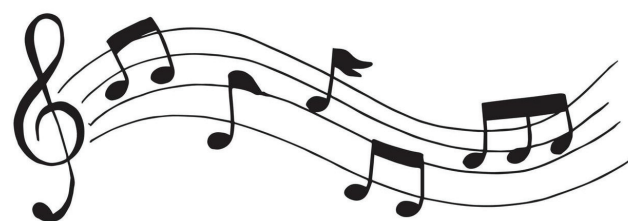
MÃE NATUREZA

(traduzido do inglês - 2017)

LETRA E MÚSICA: MATHEUS ZUCATO

Seria ela
Uma borboleta?
Cante para mim
Sobre o filho da Mãe Natureza

Ela é o sol
De cada um
E o amor agora cresce
Na alma da Mãe Natureza



Colha a lua

Em seu olhar

E o som se silencia

Na paz de uma noite eterna

Traga a vida

À uma mente vazia

E sua palavra agora voa

Contando histórias pelo céu.



ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulista
TELESON TELECOM
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● **Teste do Pezinho ampliado**
● **Credenciamento com os Laboratórios:**
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário
Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180